

9 Julho 1982, jornal de Notícias Porto

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA Publicação Jornal de Notícias

Local Porto Data 09/07/82 Série _____ N.º _____

9 Tempestade nas dunas de Esposende (6)

BRITADEIRA DESTRÓI A NORTE — e misturadora poluirá ao sul?

● Salvemos o castro de S. Lourenço !

Texto de FERNANDA GOMES

A destruição das dunas e liquidação dos pinhais são ameaças a Esposende que vêm do poente. Mas as ameaças não se ficam por esse ponto cardeal. Eis que, a leste, uma pedreira está a dar cabo do monte das Marinhas, a destruir um castro tão importante que propuseram a sua classificação como monumento nacional, a semear poeiras nas zonas circunvizinhas... E, mais a sul, uma enorme misturadora pode vir a pintar de negro de asfalto os famosos nabos de Gandra. O povo de Afife conheceu ao longo de sete anos o que são estas misturadoras. Será que o povo de Gandra, já sacrificado por uma lixeira a descoberto, vai ter as culturas cobertas de pó negro, ou inquinadas os seus poços? Na Câmara o presidente diz que foi tudo indeferido... Para que servirá esse indeferimento?

A britadeira entrou com pezinhos de lá. Abílio do Monte, um dos grandes empreiteiros de Esposende, requereu à Câmara, em Abril do ano passa-

do, licença para construção de um «armazém» como apoio a uma eventual indústria de extração de pedra e britagem. Em Junho, um despacho do presidente indeferia o pedido, com base no parecer da Direcção dos Serviços Regionais de Planeamento Urbanístico.

Urbanístico e a Direcção-Geral de Minas. Sabemos que, até ao princípio do mês passado, aqueles organismos não tinham recebido qualquer ofi-

do... O presidente da Câmara afirmou-nos: «Temos contactos directos com o Planeamento Urbanístico e o assunto está entre mãos». Entretanto, o «leitor eng.º» Manuel Ribeiro considera que «o que se está a passar é muito grave»:

«O dono comprou aqueles terrenos, avançou com os cortes, criando um patamar único de 300x400 metros, destruiu toda a arborização da encosta e pediu uma licença para exploração da pedreira. As licen-

ças da pedreira são passadas pela Direcção-Geral de Minas que pede parecer à Câmara e geralmente não emite licença sem que esta dê o seu acordo. Quando pediu o parecer, o presidente foi ver (aliás, fomos nós todas) e ficou sensibilizado. Toda a Câmara foi unânime em não conceder a licença. Mas a laboração ali nunca parou, têm trabalhado sempre! Dá-me a impressão que, entretanto, se movimentaram grandes influências...

● «Os tiros não são aos coelhos!...»

Tem outros aspectos exemplares para além dos episódios burocráticos, a instalação da oficina de britagem no sopé do monte das Marinhas, ao cimo do qual fica a capela de S. Lourenço, templo venerado

numa romaria de remotos tradições.

De princípio, os tiros de pedreira, fortíssimos, abalavam a zona urbana vizinha (a lei obriga a uma certa distância entre uma oficina de britagem e a povoação... de que serve isso?) Houve casas que abriram rachas. «As galinhas já nem chocam os ovos», constavam, desoladas, as moradoras mais próximas.

Começaram por sossegá-las: «Os estremeções são só nos trabalhos de instalação...»

Depois foi feita uma operação de «charm». Simpaticamente, a firma da britadeira ofereceu um donativo para o salão paroquial, colaborou numa festa. Mais ainda — e importante nos tempos que correm — ofere-

PEDRA E ASFALTO PARA A MARGINAL?...

Sem fazer processos de intenção, não é possível, no entanto, deixar de associar: brita de um lado, asfalto próximo — há estrada na costa! Duas unidades de produção de material de base. Como candeia que vai à frente e que alumia, será que se projecta a muito controversa estrada marginal? A estrada marginal que o Plano de Ordenamento do Concelho condena sem hesitações deste modo:

«Deverá ser definida uma linha de protecção da costa, de um a dois quilómetros de largura. Dentro desta zona, deverá ser restringida a construção em altura e os edifícios baixos deverão ser protegidos com arborização. Deverá ser desencorajada qualquer estrada ou caminho ao longo da costa. Deverão ser definidos pontos de acesso, e as áreas entre eles deverão manter-se sem ocupação.»

ceu emprego a jovens da povoação.

Os protestos não pararam em todo o lado. Por exemplo, o pároco de Vila Chã, que fica do outro lado do monte, não pôde ficar resignado ao ver o seu pomarzinho coberto de pó... E a população local subcreveu um abaixo-assinado de protesto.

Houve inquietação nas Marinhas, e até o assunto foi debatido em reuniões. Assim nos conta um membro do Conselho Municipal de Esposende:

«Foi dito nessa reunião, que fizemos em defesa da terra, que aquilo nunca era para britadeira. Segundo foi declarado por um indivíduo que fazia parte ou foi mandatado pelo dono, aquilo era para um parque de máquinas e materiais

• Foto de MARCO

de construção, mas nunca para britadeira. Foi-nos garantido. E, aliás, o presidente da Junta também disse: «Tenham calma, que isso para britadeira não está indicado!» Se bem que é o que se vê! Não são precisos comentários, todos os comentários feitos não têm sentido, porque é visível... Além disso, todos os dias à noite ouvem-se dezenas de tiros. Não são aos coelhos... Não é a caça, porque até a caça aqui acaba...»

• **«Câmara não pode barrar a destruição!»**

O castro de S. Lourenço (ocupa uma vasta área da cappelá do sopé do monte) é um castro pré-romano, possivelmente romanizado, segundo a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Era já conhecido no século passado e é importante, pois os castros que ficam perto da foz dos rios testemunham as relações culturais e comerciais com outros povos, nomeadamente os povos do Mediterrâneo (o Noroeste é rico em estanho).

Ao ter conhecimento da instalação da britadeira, a Unidade de Arqueologia tornou providências. Foi ao local, verificou que a base do castro já



Era só um armazém para guarda de máquinas — assim foi dito para se sossegar os vizinhos. Então para que é todo este aparato de material?!

estava destruída (ali colocaram as máquinas) e verificou que tinham danificado outras zonas, na encosta onde foram abertas estradas. A frente de exploração afecta todo o castro.

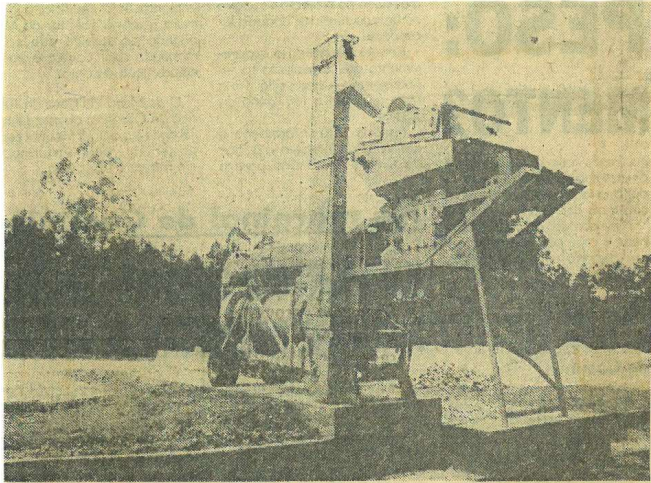
Face a esta realidade, a Unidade de Arqueologia propôs a urgente classificação do castro como monumento nacional. Apesar dos danos, ainda é tempo de se salvar o castro de S. Lourenço. Será? Posto perante os factos, o presidente da Câmara, eng.º Losa de Faria, confessaria que a autarquia «não tem poderes» para barrar a destruição:

«Existem problemas de natureza arqueológica, é claro que aquilo não pode continuar. Mas a Câmara não tem poderes para resolver a questão das pedreiras. O que lá está foi emborgado, tanto que ele desejaria ter energia dos Serviços Municipalizados e não tem. E nunca poderia ser licenciado esse armazém porque está no lugar do corredor de uma futura variante à estrada nacional. Se estivesse nas mãos da Câmara de Esposende licenciado as pedreiras nos locais previstos no Plano de Ordenamento Concelhio, exigia-se uma garantia bancária para que no final fosse reposto o coberto

vegetal. Só me fala dessa, mas, infelizmente, existem montes de pedreiras a norte na mesma situação».

• **Misturadora em Gandra: «pó d'empreitada»**

O que se passa com a britadeira conhece paralelo com o que se passa em Gandra, melhor, com o que se projecta para lá. No meio de uma bouça, conhecida pelo nome de «Bouca do Juiz», foi instalada uma enorme e moderna misturadora. Houve o pedido, a Câmara, de viabilidade de construção de «um estaleiro de apoio à actividade da indústria de construção civil». Requeendo em Setembro do ano passado, teve um parecer negativo dos técnicos e o presidente indefiniu, como nos diz:



Será um fantasma?! Montada numa dareira aberta da «Bouça do Juiz» a misturadora está lá para quem a quiser ver. Não tem licença mas não há garantia alguma de que não venha a funcionar, de que não pinte de negro os veios de água, o rio, os campos de Gandra.

«A Câmara não permite a instalação. Tanto assim que não será abastecido de energia eléctrica nem de água e não poderá funcionar. Viemos a saber que esse «estaleiro» era para instalação de uma estação de asfalto ou coisa no género. Naturalmente que não deixaremos instalar o que quer que seja que venha afectar as nossas populações. Não há razões para as pessoas estarem preocupadas. A oposição é que pretende movimentar as populações contra a Câmara, por um «fantasma».

Será um «fantasma», mas bem concreto, nada transparente. A proprietária da máquina é também proprietária de uma misturadora semelhante

que trabalhou em Afife durante sete anos, tendo laborado pela última vez em 26 de Abril último. É dona de uma terceira instalada em Coimbra e em pleno funcionamento. A informação que tivemos é que esta misturadora se destina à realização de obras em estradas de Barcelos. De momento está parada, mas, ainda de acordo com informações que tivemos, funcionará, mais mês menos mês.

Em Afife, a população sabe bem o que é ter uma misturadora por vizinha:

«Não se podia pôr a roupa a secar, os telhados, os estores e até a roupa dentro das arcas ficavam negros!»

«Quando o vento era sul, a gente nem podia sair da porta para fora. Comia pó d'empregado».

«Os pinheiros e o mato parecia que pingavam pó, parecia que caía borralha; era pó branco nas couves, nas ramadas e nas árvores de fruto; com nojo das nossas hortaliças, íamos comprá-las ao mercado para as comer».

«O ranho era negro, estávamos sempre a escarrar fora e a sair lixo preto».

Basta ouvi-los.

A misturadora instalada em Gandra é algo diferente. Tem filtros e tanques. É possível que não faça poluição atmosférica como a de Afife. Mas para onde será canalizada a água dos tanques? Vai para o rio? Vai inquirir os veios de água, os poços que regam os excelentes campos de cultivo de Gandra?

Fantasma não é, não!

9 julho 1980, jornal de Notícias, Porto

6



O monte de S. Lourenço está a ser destruído, o castro está ameaçado, como ameaçadas estão a capela que fica no cume e a povoação no sopé. O pedido para instalação de um armazém dá para abertura deste imenso patamar?!